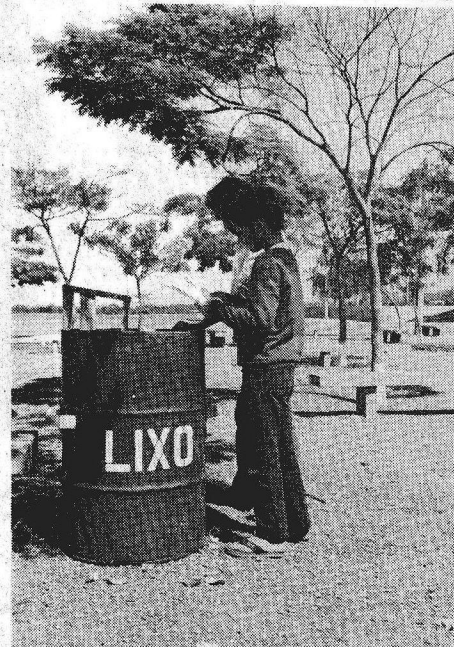
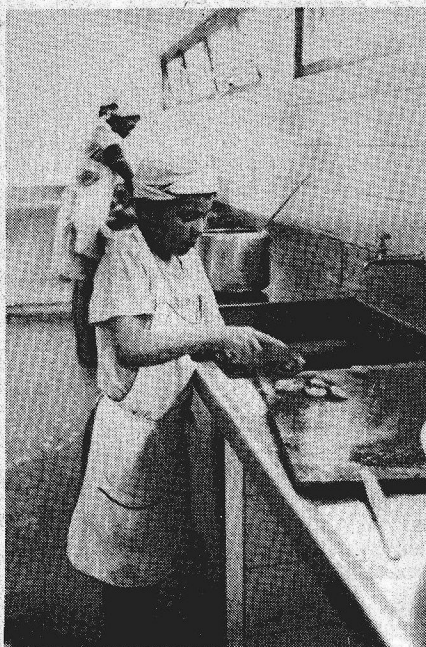




Com amor e abnegação, os menores recebem na escola do Proem o apoio indispensável para sua formação moral e profissional, sem qualquer pressão

Amor. A grande lição desta escola

Mino Pedroza

Rosane Garcia

Para uma clientela muito especial, um tratamento diferente que implica carinho, amor, dedicação exclusiva e respeito à dignidade humana. O somatório de todos esses ingredientes está contido no dia-a-dia dos 201 alunos da Escola do Parque da Cidade. A receita deste bolo, que terá as suas duas primeiras velas acesas na próxima semana, nas comemorações do segundo aniversário da Promoção Educativa do Menor (Proem), permanecerá, certamente, como chama ardente, na vida daquelas crianças que ali estudam.

É uma receita simples que foge ao tradicional ensino das escolas formais e que contraria todos os conceitos estereotipados de que "menor carente é um ser em potencial para a marginalização". A comemoração do segundo ano de sua criação é bastante oportuna e serve de lição para os CEBEMs e FUNABENS que afundam cada vez mais o menor no mundo da violência.

Sem regras

Não existem regras fixas, nem horários determinados para serem cumpridos rigidamente. O aluno faz o seu horário em função de sua disponibilidade de tempo. Isso porque o menor que ali está é responsável também pela renda familiar, em sua maioria, engraxates, lavadores ou vigias de carro nos inúmeros estacionamento da cidade. Eles não têm condições de freqüentar as escolas tradicionais e acabam por engrossar as fileiras dos que desistem de estudar, sem ter ao menos concluído o primeiro grau.

Pensando nas dificuldades desses menores, na necessidade de evitar que mais cabeças se percam no mundo da marginalidade, a Secretaria de Educação e Cultura criou e implantou em agosto de 1981 a Escola do Parque. Para funcionar de 8 às 20 horas durante os 365 dias do ano, foi preciso selecionar professores e técnicos com "disponibilidade de se dar como pessoa humana e não como simples professor, mas acima de tudo como educador", diz a orientadora educacional e pedagoga, Yukiko.

Ensino personalizado

Esse treinamento foi iniciado em fevereiro de 1981 e concluído em julho do mesmo ano. Para participar da equipe, cada profissional tinha de ter uma experiência mínima de sete anos. A partir daí foram engajados no processo dinâmico e intensivo de conhecer o que era uma escola aberta, como era a vida do menor carente e do que ele precisa receber, face à ausência de auto-estima, peculiar entre os que se encontram naquela situação.

De posse desses conhecimentos básicos, os técnicos entenderam que o ensino não poderia ser massificado, pois cairia no jargão da escola tradicional. Assim, o ensino na Escola do Parque tem um caráter personalizado, centrado na criança. A parte pedagógica é trabalhada em cima da vivência do aluno. Lá não existem salas de aulas convencionais. Estes locais são denominados "recantos" onde os alunos contam com dois professores. Explica a professora Yukiko que os recantos obedecem, mais ou menos, o grau de escolaridade dos alunos, sem seguir severamente um currículo escolar pré-estabelecido.

Grande comunidade

A equipe de 37 funcionários, entre técnicos, auxiliares e professores, mais os 201 alunos, forma uma grande comunidade, que utiliza todas as dependências do Parque da Cidade. Mas isto não significa lazer. Paralelamente às aulas, aos momentos de brincadeira, ali há dependências para a formação profissional. Exemplo disso é a cozinha industrial, utilizada pelos alunos que



A orquestra da escola anima festas de aniversário e faz shows para levantar recursos para os menores

concluíram o curso de confeitaria e panificação. Capacitados a competirem, em pé de igualdade, com outros profissionais, os meninos do Proem aceitam encomendas de buffet e também se dispõem a trabalhar como garçons. Para isto os interessados podem ligar para o telefone 225-0926, e a equipe de menores confeitadores entra em ação.

Essa equipe não se restringe a fazer doces, bolos e salgados. Faz também a industrialização de alimentos, conservas, molhos picantes, que são comercializados na Ceasa, Torre de TV e em várias repartições públicas. Uma outra especialidade da casa, que merece o elogio da diretoria Ligia Martins Lourenço, é a produção de licor.

A orquestra faz o show

Assim, ela mesmo diz que as pessoas que desejam fazer uma festa completa o endereço é a Escola do Parque. Além de produzir o comestível existe a orquestra. Sem esconder o orgulho que os 15 músicos, sob a regência do professor Norberto Rocha, lhe dá, Ligia Lourenço lembra que eles também estão aptos a animar a festas de aniversário e fazer shows. E quem quiser testar a eficiência dos artistas poderá ver suas apresentações no Projeto Platéia.

A orquestra, montada há um ano e meio apenas, tem entre seu elenco um componente preocupado e angustiado. Marcos Dantes Almeida, na realidade tem 16 anos, mas seu registro lhe dá 18. A sua preocupação reside no fato dele ter de sair da Escola do Parque em face do erro cometido por sua mãe de registrá-lo com dois anos a mais do que na verdade tem.

De posse de seu saxofone e fazendo o solo da orquestra, Marcos Almeida queixa-se, ao parar de tocar, que terá de se alistar para o serviço militar.

O seu lamento é mais profundo quando ele se imagina deixando a Escola. E lembra a professora Ligia que a sua situação precisa ser resolvida, porque sair da orquestra é o que ele menos deseja.

O seu depoimento em relação à escola, no entanto, é alegre e não difere dos demais companheiros: "Já fomos carentes". Hoje os músicos do Proem têm apenas um apelo a fazer: "Precisamos de uma frente de trabalho".